

ma a

Oscar del Barco
Trad. Davi Pessoa Carneiro

Oscar del Barco escreveu o texto “ma a” para o catálogo *ma a/Obra pictórica* (Córdoba, 2008), publicado na ocasião da exposição homônima, em que foram expostas 150 obras inéditas de distintos formatos e técnicas que del Barco vinha realizando há mais de 15 anos. Alguns escritores, artistas, ensaístas e pesquisadores, como Silvio Mattoni, Antonio Oviedo, Anamaría Ashwell, Gustavo Cosacov, Matías Lapezzata, entre outros, participaram da publicação. O texto foi posteriormente incluído em *Alternativas de lo Posthumano* (Buenos Aires: Caja Negra, 2010), com organização de Gabriel Livov e Pablo Gallardo. A tradução é do texto publicado no mesmo livro (p. 279-283). [N.T.]

Neste [link](#) se pode ver o vídeo realizado por Oscar del Barco e por Ciro del Barco, com direção de Laura del Barco, o qual foi projetado durante a exposição *ma a*, realizada no CCEC (Centro Cultural España Córdoba), inaugurada no dia 15 de março de 2008. E neste outro [link](#) é possível ver as pinturas da exposição, assim como ler o texto da curadora Laura del Barco e todos os textos publicados no catálogo. [N.T.]

Oscar del Barco é filósofo, ensaísta, poeta, editor e pintor argentino. Foi um dos primeiros tradutores das obras de Artaud, Blanchot, Bataille, Sade, Derrida, Barthes, entre outros, na Argentina. Foi também militante do partido comunista até sua expulsão em 1963. Fez parte do grupo que editou a revista *Pasado y Presente*, assim como da revista *Nombres*. Durante seu exílio mexicano dirigiu o Centro de Investigaciones Filosóficas de la Universidad Autónoma de Puebla. Dentre seus livros, podemos destacar: *Otro Marx* (1983), *La Intemperie sin fin* (1985), *Juan L. Ortiz. Poesía y Ética* (1996) e *Exceso y Donación* (2003). Publicou também livros de poesia, como *Infierno* (1977) e *Dijo* (2000). [N.T.]

Davi Pessoa Carneiro <davipessoacarneiro@gmail.com> é tradutor, doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina e professor adjunto de Língua e Literatura Italianas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

ma a

Oscar del Barco

Trad. Davi Pessoa Carneiro

me custa ver isto que chamam de vida, linhas círculos fraturas dispersões cortes mesclas nunca algo que evolui ou progride em direção a algo salvo uma ou infinitas massas imóveis porém furadas em expansão-contração do mesmo que nunca é nem pode ser o mesmo

mil fugas saltos no vazio todo inconsistente precipitando-se no fundo de um resplendor sem nome porém que se deseja nomear quase desesperadamente porque se sente ou se pressente o fim então quais são os cortes dessa bagunça sem ordem ou onde a ordem é uma camisa de força em que tratamos de fechar ou tornar inócua ou inocente nossa loucura, este caos que não se submete que resiste a toda intenção de reduzi-lo a um ponto ou a alguém que segue em direção a algum lugar terrestre ou celestial? por isso procurei cavar indefinidamente e sem plano algum aqui mesmo, poucos metros de terra onde um nada pelo qual chamam com meu nome habita, por que a pintura? e por que perguntar sobre o porquê da pintura? por acaso “eu” também desejo saber ou construir um sentido, o sentido desta vida? quero um deus, um “sistema”, sempre ridículo, onde recolher até a última partícula de um tempo sem fundamento? há muito tempo sabemos que não há porquê nem para quê, e que a rosa floresce porque floresce, assim de nada mais vale, em sua roseidade, o termo

procuro tirar o amorfo que inevitavelmente acabará em outro amorfo ou

em outra mescla daquela que já vou me distanciando sem poder me afastar nem um passo a mais, sempre no mesmo que por sua vez é o distinto do mesmo, linhas de filosofia, inumeráveis, desde os gregos, sempre mal entendidos, certamente, ou não entendidos, porque o que me interessou e segue me interessando da filosofia são algumas frases, às vezes, algumas palavras, que me servem para alimentar digamos o espírito estava para escrever a desmesura porém lembrei que espírito é fogo, e esse fogo que é um alimento deve por sua vez ser alimentado, sigo, até husserl ou derrida ou lévinas ou qualquer um dentre os mil dos tipos que pensaram e pensam misteriosamente o mistério, é claro que tenho minhas preferências, como ser plotino, a loucura desenfreada de descartes, de kant, de schelling... bataille! blanchot! isso não para, sempre se choca e do choque brota uma faísca e a faísca se apaga e uno isto uno aquilo nada vai saber o que segue pois se coloca no sutra-diamante e chora junto a subhūti diante da descomunal demência do discurso de buda e precisa se sentar horas e horas e anos para não pensar para somente ouvir a chuva ouvir a chuva deixar que cesse a chuva deixar abandonar-se tornar-se inoperante limpar a superfície do vazio amar shōbōgenzō de dōgen, os discursos breves de wi-neng, chegar a deshinaru ao amigo augusto e num bom dia desaparecer

porém desde muito antes estava a poesia e não sei não posso não se pode saber por que um garoto de 14 ou 15 anos começa a escrever versos um após o outro e não para e nunca irá parar, nunca mais até o fim dos seus dias, é estranho lembro disso vagamente e me pergunto inutilmente quem terá escrito? esse foi e continuou sendo por muito tempo seu mais profundo segredo encher páginas e páginas com breves “poemas” que ninguém nunca leu, até que um dia, já grande, publicou “variações sobre um velho tema” e depois “inferno” até chegar a “pouco pobre nada” e “diário” 40 anos entre uma coisa e outra? e no entretanto? o partido comunista, minha briga contra lênin, contra seu teoricismo e seu terrorismo, e por outro lado o igitur de mallarmé, a filosofia na alcova de sade, a guerrilha, viagens, exílio, méxico, o peyote, dor pelos mortos queridos e pelos mortos desconhecidos, pelos torturados e desaparecidos, uma dor conformando meus olhos, meus ouvidos, a

totalidade de meu ser até me dar uma visão trágica, a única aceitável, sangrenta e desgarrada do mundo, isso já não me abandonará, a shoá, os gulags, todos os genocídios, o processo, mais a infinita dor cotidiana, onipotente, que tal como uma praga infernal constitui a essência do que chamamos homem, este inferno que somos, que é a vida, este grito universal de dor que se expressa no pensamento, na arte, na oração...

vallejo, juan l. ortiz, macedonio, hölderlin, rimbaud, mallarmé, baudelaire, artaud, pound, william carlos williams, ungaretti, celan, cem nomes passaram pela criatura, exaltaram-na e a pulverizaram com sua beleza, a palavra, a "obra", "por que os homens, penso em sófocles, penso em dante, penso no canto dos esquimós e em todos os cantos tristes e jubilantes, se lançaram "no fundo do desconhecido", no mistério? é a sua forma íntima de ser homem esse hino imperecível que busca resgatá-lo, consolá-lo da dor de sua própria presença? ah, o fio vermelho, o fio vermelho das palavras que na linguagem e como linguagem louvam o ilimitado, desconhecido e inacessível... como não pensar em santo anselmo e no mestre eckhart, como não pensar nos adeptos do hassidismo cantando até alcançarem o êxtase e nos sufis dançando até a ebriedade da divindade? dar cabimento a todos, a maría sabina comendo seus cogumelos como diminutos deuses proféticos ou a são tomás abandonando o esplendor do pensamento para desaparecer no esplendor da não existência...

amorfo amorfo linhas disparatadas até que um dia lembro claramente irrompe de maneira abrupta a música moderna mais além ou mais alta ou na música de sempre, como um tam-tam de tambores na melodia amada, ou um trilo na calmaria do céu, logo depois de muito procurá-lo irrompeu num pequeno quarto cheio de livros fotos papéis protegido do calor por uma noqueira velhíssima digo irrompeu o quinteto para instrumentos de sopro número 15 de arnold schoenberg e tudo mudou, como se dissesse, brevemente: entrei, pude entrar, ai meu deus, que imensidão, com voz muito baixa, vacilante porque sei que não se pode dizer, porque é algo que excede tudo, na arte contemporânea, na música, disse, schoenberg, schoenberg, e todos os anjos posteriores, webern, bartók, celsi, nancarow, stockhausen, lutosławski,

feldman, até chegar em barraqué, pobrezinho, que morreu alcoólatra, muito jovem, o amigo de foucault, o discípulo de messiaen e codiscípulo de boulez, todo esse som se infiltrando e arrasando a massa amorfa, levando-a ao descontrole do “sublime”, digo sublime para não falar com ênfase até alcançar o nível da terra, como esse personagem de “na presença do palhaço” que num manicômio coloca uma e outra vez os acordes do quinteto de schubert e alguém precisa escutar isso e isso é música também ela sustentando-os nessa iluminação que nos sustenta que impede que morramos neste mesmo instante

e então a pintura, devo reconhecer que desde muito jovem, influenciado pela vida de van gogh e junto com um primo que desejei sem limite pintávamos sem saber bem o que fazíamos embora ele tenha dedicado toda a sua vida a isso enquanto eu tive de esperar anos, décadas, e dessa época ele guardou um quadro meu amarelo quase vermelho e já velho me deu de presente para minha surpresa ali na sua cabana em plena serra antes de morrer, então pois bem não posso dizer tudo recomecei com minhas linhas e com meus gritos balbucios agudos ilusórios mugidos birras latidos rugidos de dentes e de línguas por horas e horas e dias e anos sem linguagem numa espécie de pré-linguagem como o ruído de uma tormenta ou do amor e às vezes acompanhado por minha família desenhando linhas sem tom nem som mescladas amontoadas e em seguida lhes acrescentei pontos negros e um dia cores e depois... em outro dia também como um dom sem querer, sem pensar, algo semelhante a um nascimento, comecei a pintar com óleos e acrílicos, há uns 14 anos e me deu a loucura, verdadeiramente, a loucura, mais ou menos 600 quadros aos quais agreguei pedaços de diários, rostos, pedaços de madeira, bichinhos mortos, folhas, fotos terríveis, nus, me afundei num quartinho no fundo de minha casa e fiquei no chão, e coloquei música, forte, arrebatadora, e não parei mais, até o dia de hoje, e não quero dizer nem pretendo insinuar que fiz coisas boas nem ruins, fiz o que fiz, isso que se vê aqui, passei mais ou menos rápido do geométrico a um expressionismo que me tocou no mais profundo do reino de uma cor que eu sentia dolorosa, onde tudo foi pranto e grito de protesto, até chegar aos quadros que submeti ao trabalho criador das

chamas, quadros queimados que depois destruía ou incorporava ao corpo lhe dando algumas pinceladas ou recebendo-os como chegavam, ao acaso, como se o fogo fosse o grande mestre “finalmente encontrado” por mim... não sei o que são nem se são para algo nem se irão durar algum tempo como muito pouco sei de minha poesia, talvez tudo seja como os gritos que por falta de saber música lancei durante anos à beira do nada e ao nada como tudo por outra parte tal como tudo

assim seja